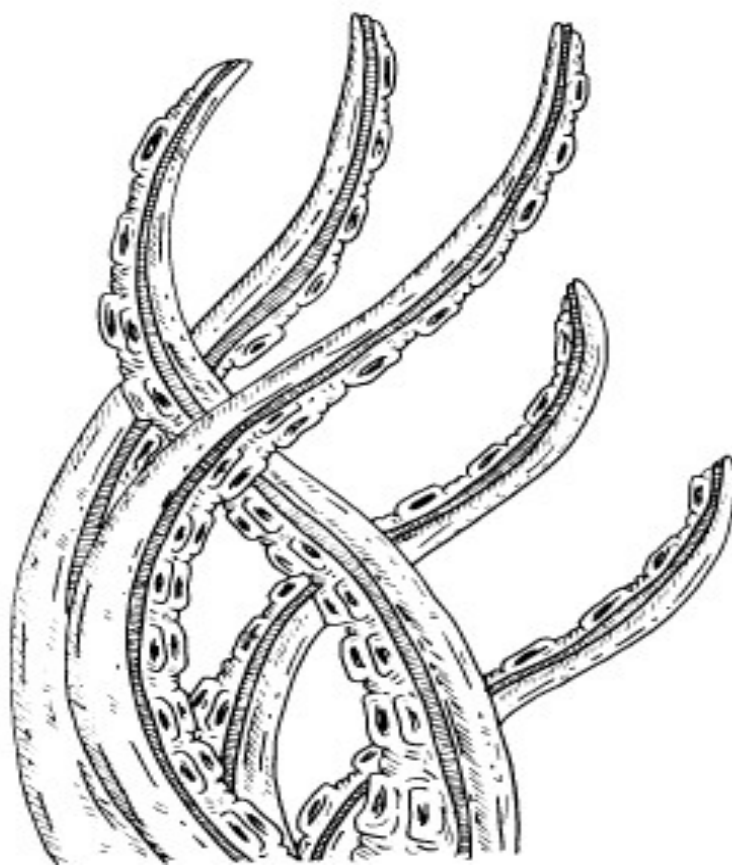


GRUPOS DE AFINIDADE

Um compilado de textos sobre a unidade fundamental da organização anarquista

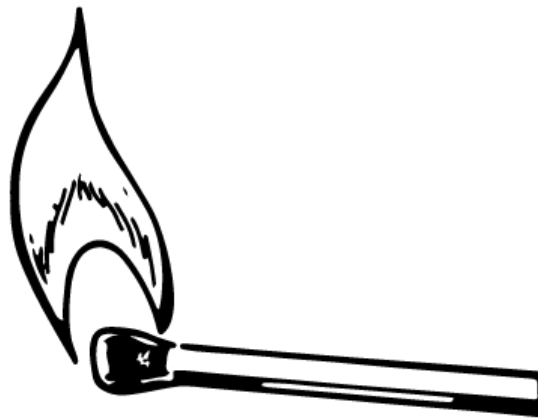
GRUPOS DE AFINIDADE

*UM COMPILADO DE TEXTOS SOBRE A UNIDADE
FUNDAMENTAL DA ORGANIZAÇÃO ANARQUISTA*



Sumário

<i>Introdução – la libertaria.....</i>	<i>4</i>
<i>Grupos de Afinidade – Murray Bookchin.....</i>	<i>7</i>
<i>Acerca dos Grupos de Afinidade – Luís Mercier Vega.....</i>	<i>10</i>
<i>Grupos de Afinidade São Gangues de Rua Com Análise – Facção Fictícia.....</i>	<i>27</i>
<i>Arquipélago: Afinidade, organização informal e projetos insurrecionáís – Subversão & Anarquia.....</i>	<i>45</i>
<i>Grupos de Afinidade a Unidade Fundamental da Organização Anarquista – CrimethInc.....</i>	<i>57</i>



Introdução

Saudações libertárias! Apresentamos a você um compilado organizado e editado de textos abrangendo os grupos de afinidade, uma colaboração da la libertaria. Este livro-zine é uma extensa colcha de retalhos de discussões variadas que exploram os múltiplos aspectos e perspectivas associados a esses grupos.

Grupos de afinidade, caracterizados pela união de indivíduos que compartilham visões e objetivos similares, atuam de maneira conjunta e flexível, respondendo a contextos específicos. Sem liderança, eles representam um modelo de organização autônoma, priorizando a liberdade e a coordenação voluntária. A história do movimento anarquista mostra o impacto efetivo que esses grupos têm em diversos âmbitos da luta, desde atividades de guerrilha, passando pela arte, organização da sociedade e até ações diretas pontuais em comunidades locais.

Esses "coletivos" anarquistas, como também podemos entendê-los, costumam ser autônomos, horizontais e autogeridos, unindo teorias revolucionárias a um estilo de vida equivalente. Servem como catalisadores dentro do movimento popular, incentivando iniciativa e consciência, além de serem extremamente resistentes à infiltração policial devido ao forte laço entre seus membros.

Neste compilado trazemos dois textos clássicos e três textos contemporâneos, começando pelo pequeno texto de *Murray Bookchin*

que faz um resgate histórico do termo grupos de afinidade e passando por outro clássico, o texto "*Acerca dos grupos de Afinidade*" do anarquista português *Luís Mercier Vega* que propõe um balanço crítico em relação as práticas desses grupos. O terceiro texto é do grupo *Facção Fictícia*, que faz uma bela introdução sobre o tema e resgata as contribuições do coletivo *Up Against the Wall Motherfuckers*, um coletivo radical e subversivo da arte nos anos 60 nos Estados Unidos, que pautava a ação revolucionária nas ruas e mantinha forte relação com os Panteras Negras. O quarto texto é *anônimo*, publicado em 2012, na revista anarquista belga *Subversão & Anarquia* e traduzido por la libertaria da versão em espanhol. O texto traz uma defesa dos grupos de afinidade desde uma perspectiva *anarquista e insurrecta* e rebate algumas críticas feitas a esse tipo de organização.

No cerne, a coletânea enfatiza a importância dos grupos de afinidade como mecanismo de organização e ação política no anarquismo. Por fim, o texto do coletivo *Crimethinc*. serve como um guia para a formação desses grupos, cobrindo tópicos como decisão por consenso, segurança e preparação para ações, e sublinha a importância da autonomia, da ação direta e da solidariedade em períodos de agitação social. Ao longo da leitura, você vai conhecer as características e dinâmicas desses grupos, bem como seus benefícios, críticas e desafios. Os textos selecionados discorrem sobre a intimidade política, a necessidade de estabelecer adequados níveis de segurança, a inter-relação entre os grupos de afinidade e a possibilidade da revolução

social. Também são exploradas reflexões sobre a formação e estruturação desses grupos, a importância do consenso e confiança, além do potencial para colaboração com outros grupos afins e vários outros tópicos relevantes.

Esperamos que esta coletânea de textos lhe inspire e proporcione reflexões. Por meio dela, você terá a oportunidade de compreender como estes grupos podem se tornar ferramentas eficazes para ação política e social. Desejamos uma boa leitura. Lembre-se de que cada texto provém de um contexto e época distintos, trazendo contribuições únicas e diversas ao tema.

-la libertaria

Grupos de Afinidade

Murray Bookchin

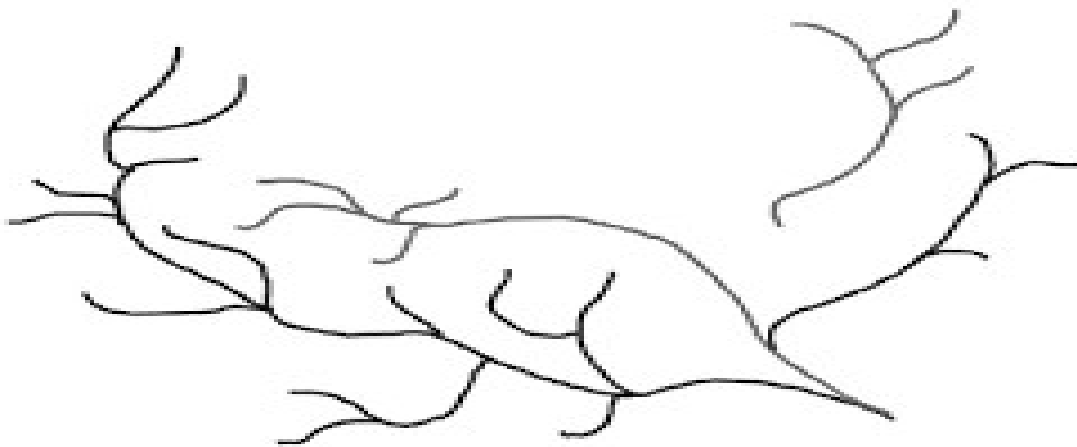
O termo “grupos de afinidade” é a tradução do espanhol “grupos de afinidad”, nome de um tipo de organização criada na época anterior a Franco e que serviu de base à temível F.A.I. (que congregava os militantes mais idealistas da C.N.T., a imensa organização anarcosindicalista). Criar hoje uma imitação servil do tipo de organização e dos métodos utilizados pela F.A.I. não seria possível, nem desejável. Os anarquistas espanhóis da década de 30 certamente enfrentavam problemas sociais inteiramente diferentes daqueles com que hoje se defrontam os anarquistas americanos. O modelo, entretanto, tem certas características que podem ser aplicadas a qualquer situação social, e que muitas vezes foram adotadas intuitivamente pelos radicais americanos que chamaram as organizações resultantes de “coletivas”, “comunas” ou “famílias”.

Os grupos de afinidade poderiam ser facilmente considerados como um novo tipo de prolongamento da família, em que os laços de parentesco foram substituídos por um relacionamento humano extremamente intenso, relacionamento que é alimentado por idéias e práticas revolucionárias comuns. Muito antes que a palavra “tribo” ganhasse popularidade no movimento da contracultura americana, os espanhóis anarquistas já chamavam suas reuniões de “asambleas de las tribus” – assembléias das tribos. Cada grupo de afinidade tem um

número limitado de participantes para garantir o maior grau de intimidade possível entre seus membros. Autônomos, comunitários e francamente democráticos, os grupos combinam as teorias revolucionárias a um estilo de vida e um comportamento igualmente revolucionários, criando um espaço livre onde os seus integrantes podem reestruturar-se, tanto individual quanto socialmente, como seres humanos. Grupos de afinidade pretendem funcionar como catalisadores dentro do movimento popular, não como “vanguardas”; eles proporcionam iniciativa e conscientização, não um estado-maior e uma fonte de comando. Os grupos proliferam em nível molecular e têm um “movimento Browniano” próprio. A união ou separação de cada grupo é determinada pelas circunstâncias do momento e não por ordens burocráticas vindas de um centro distante. Durante períodos de opressão política, os grupos de afinidade são altamente resistentes à infiltração policial. Devido ao alto grau de intimidade que existe entre os participantes, muitas vezes se torna difícil penetrar no grupo e, mesmo quando isto acontece, não há um mecanismo centralizado que dê aos infiltrados uma visão geral do movimento como um todo. Mesmo sob condições tão difíceis, os grupos de afinidade ainda conseguem manter contato através da literatura e de revistas.

Durante períodos de atividade mais intensa, por outro lado, nada impede que os grupos trabalhem juntos em qualquer nível que se fizer necessário. Eles podem unir-se através de grupos locais, regionais ou nacionais para formular planos de ação comum; podem criar comitês

temporários (como os que congregavam estudantes e operários franceses em 1968) para coordenar determinadas tarefas. Entretanto, os grupos de afinidade sempre têm suas raízes nos movimentos populares e são sempre leais às formas sociais criadas pelos revolucionários, não a uma burocracia impessoal. Como resultado de sua autonomia e regionalismo, os grupos são capazes de manter uma avaliação crítica sensível sobre as novas perspectivas. Intensamente experimentais e diversificados quanto ao estilo de vida, eles funcionam como uma fonte de estímulo mútuo, influenciando também o movimento popular. Cada grupo procura adquirir os recursos necessários para funcionar com quase total autonomia, desenvolvendo um perfeito sistema de conhecimentos e experiências para vencer as limitações sociais e psicológicas impostas pela sociedade burguesa ao desenvolvimento individual. Agindo como um núcleo de conscientização e experiência, cada grupo tenta levar adiante uma forma de movimento revolucionário espontâneo do povo, fazendo-o atingir um ponto em que o grupo possa finalmente desaparecer, integrando-se às formas sociais orgânicas criadas pela revolução.



Acerca dos Grupos de Afinidade

Luís Mercier Vega (Julho 1977).

Publicado Em A Batalha, n.º 197, Jan. – Fev. 2003

A maior parte dos textos relativos aos grupos de afinidade no movimento anarquista – escritos por militantes, entenda-se – são muito mais constatações do que definições teóricas. E como as situações de facto são numerosas e raramente idênticas, também não são sempre as mesmas as características valorizadas. Vejamos, no entanto, quais os pontos comuns em que numerosos autores – pelo menos dos que conheço – coincidem quando se trata de definir os grupos de afinidade.

A ideia de afinidade não é sequer muito precisa. Afinidade de ideias ou afinidade de temperamentos? Ou necessariamente ambas? Nos meios anarquistas, diz Sébastien Faure¹ a palavra afinidade “exprime a tendência que leva os homens a agrupar-se por semelhança de gostos,

por conformidade de temperamentos e de ideias. E, no pensamento e na ação, os anarquistas opõem a espontaneidade e independência com que estas aproximações se produzem e estes grupos se constituem à coesão obrigatória e à associação forçada determinadas pelo meio social atual”.

Murray Bookchin procura uma origem histórica ao grupo de afinidade e encontra-a curiosamente numa época relativamente recente, na Espanha: “A expressão inglesa *affinity group* é a tradução de grupo de afinidad, nome que designava na Espanha a célula de base da Federação Anarquista Ibérica, núcleo dos militantes mais idealistas da CNT, a grande central anarco-sindicalista”². A sua definição é original: “um novo tipo de família alargada, na qual os laços de parentesco são substituídos por relações humanas de profunda simpatia, que se nutrem de algumas ideias e duma prática revolucionária comuns”. Retoma-se o princípio da afinidade de ideias, manifestando-se a afinidade de conduta pelo “estilo revolucionário da vida quotidiana”. O grupo “criava um espaço livre onde os revolucionários se podiam reconstruir eles próprios, como indivíduos e como seres sociais”. O que nos remete, mais precisamente, às observações do velho Sébastien: o grupo consegue escapar ao “meio social”. Bookchin afirma poder comparar o grupo de afinidade que funcionava na Espanha nos anos 30 (guardadas as proporções e tomando em conta as conjunturas) com as formas de organização adotadas pelos “radicais” norte-americanos: “comunhas”, “famílias”, “colectivos”.

Para os militantes dos Grupos Anarquistas Federados de Itália (G.A.F.) o acento tônico é posto na comunidade inicial de opiniões: os tradicionais grupos de afinidade “com forte coesão de opiniões gerais e particulares, podem ...respeitar os princípios de base... permanecendo eficazes nas tomadas de decisão”³. Acrescentam no entanto: “Afinidades de ideias, mas também afinidades pessoais, indispensáveis porque o grupo não é uma empresa, mas uma maneira de viver em conjunto na luta, como parte integrante da sua própria vida.”. Reencontramos aqui o duplo carácter do grupo de afinidade, ainda que os G.A.F. vejam neste grupo “o primeiro momento da organização anarquista”, isto é, o elemento de base para uma federação, ao passo que Bookchin diz: “(os grupos) podem federar-se muito facilmente...”

Primeira observação: os autores veem no grupo de afinidade uma forma de organização natural e não examinam os seus possíveis defeitos. Partem duma realidade constatada e tendem a encontrar nela apenas virtudes. Não colocam a questão de saber se o polo do agrupamento é a comunidade de ideias ou a simpatia pessoal. Se é a comunidade de pensamento que é essencial, não se vê o que distingue – no que respeita estritamente ao mecanismo de associação – um grupo anarquista de qualquer outra organização de carácter ideológico. Se são os laços afetivos que predominam, a partir dum pensamento libertário mais ou menos nítido, o funcionamento interno e a razão de ser do grupo serão então duma natureza muito particular.

De facto, a imprecisão relativa à origem e fins do grupo de afinidade deixa intacta a ambiguidade do seu papel: elemento de intervenção na sociedade ou contra-sociedade? Dentro da sociedade ou fora dela? Questão que não é necessariamente crítica, nem agressiva, mas que requer esclarecimento.

A dimensão é o segundo elemento para definir os grupos anarquistas. Bookchin: “Cada grupo de afinidade conservava deliberadamente dimensões reduzidas, para garantir a maior intimidade possível entre os seus membros”, e “Pelas suas características, o grupo de afinidade tende a agir de maneira molecular”. Os G.A.F.: “...um núcleo de militantes em número suficientemente reduzido para permitir a participação de todos nas decisões, e suficientemente grande para beneficiar das diferentes experiências pessoais ou de luta”. E também: “Só núcleos pouco numerosos, com forte coesão de opiniões gerais e particulares...”.

Nova observação e nova questão: se os grupos de afinidade, para funcionarem bem, isto é, para que os seus membros possam participar efetivamente nas decisões e nas ações, devem ser de pequenas dimensões, possuir um número limitado de aderentes, será porque qualquer organização numerosa incorre nos riscos de hierarquização e de burocratização? É provável, mas então esta constatação deve aplicar-se a toda e qualquer organização “popular” e ter consequências práticas de grande importância para uma tática ou estratégia libertárias. Porque enfim, se entre companheiros se devem tomar todas as medidas para

evitar a degenerescência dominantes/dominados, que precauções não será necessário prever para organizações que agrupam milhares de seres humanos pouco conscientes dos perigos autoritários? Ora Bookchin diz, por exemplo, a propósito dos grupos de afinidade: "eles podem também criar comités de ação temporários (como os estudantes e operários franceses em 1968), coordenando tarefas precisas. Mas, principalmente, os grupos de afinidade estão enraizados no movimento popular". Um movimento popular em estado puro, inocente? Sem partidos, sem sindicatos centralizados, sem dirigentes?

Chegamos assim ao terceiro ponto comum da maior parte das definições: o papel dos grupos de afinidade na vida social. Há uma espécie de extrapolação da prática – ideal – dos grupos na imagem – idealizada – dos movimentos populares. Sébastien Faure: "...homens que pertencem à mesma classe, necessariamente próximos pela comunidade de interesses, a quem as mesmas humilhações, as mesmas privações, as mesmas necessidades, as mesmas aspirações formam pouco a pouco, com pequenas diferenças, o mesmo temperamento e a mesma mentalidade, cuja existência quotidiana é feita da mesma servidão e da mesma exploração, cujos sonhos, cada dia mais precisos, conduzem ao mesmo ideal, que têm de lutar contra os mesmos inimigos, que são supliciados pelos mesmos carrascos, que se acham todos curvados sob a lei dos mesmos Amos e todos vítimas da rapacidade dos mesmos gananciosos. Estes homens são levados gradualmente a pensar, a sentir, a querer, a agir concordante e solidariamente, a realizar as mesmas

tarefas, a assumir as mesmas responsabilidades, a travar a mesma batalha e a unir a tal ponto os seus destinos que, na derrota como na vitória, a sorte de uns permanece intimamente ligada à sorte dos outros: coesão voluntária, associação desejada, agrupamento consentido. Aqui se afirmam todas as energias da afinidade, procedentes da analogia dos temperamentos, do parentesco dos gostos, da conformidade das ideias". Bookchin: "Os grupos de afinidade tinham por função atuar como catalisadores no contexto do movimento popular..."

Os G.A.F. são menos incisivos quanto ao carácter "espontaneamente libertário" dos movimentos populares e quanto ao papel específico dos grupos anarquistas: "a libertação das tendências populares, igualitárias e libertárias, é um fenómeno efêmero se não tiver possibilidade de se exprimir nas organizações adequadas"⁴. Mais adiante: "As condições subjectivas necessárias a uma revolução social libertária são, esquematicamente, a maior extensão possível, quantitativa e qualitativa, do movimento anarquista e da presença libertária organizada no conflito social, e também a maior difusão possível da consciência crítica, do espírito antiautoritário de revolta"⁵.

Consequentemente, encontramos alguns traços comuns entre estas diversas interpretações: o grupo de afinidade é um elemento de base do movimento anarquista; a afinidade é dupla: ideias e laços de camaradagem; reúne um número restrito de militantes; está ligado aos movimentos populares de emancipação. E no entanto, a despeito destas similitudes, sentimos bem que as concepções são divergentes, os fins

diferentes, as perspectivas distintas. Todos admitem uma situação de facto – a existência duma tradição de grupos de afinidade – e partem desta verificação para dar aos grupos tarefas, funções e um funcionamento particulares. Há nisto um equívoco que seria bom dissipar.

PRÁTICAS

A fronteira parece passar, não entre interpretações mas no interior mesmo do grupo de afinidade. Consoante este é caracterizado por uma intensa vida interior ou por uma atividade voltada essencialmente para o mundo exterior, o grupo de afinidade é meio, sociedade em si, ou, pelo contrário, instrumento de combate contra a sociedade tal como ela funciona e até fator de construção duma sociedade diferente.

Tomemos dois exemplos extremos: o grupo-família de Bookchin tem pouco a ver com o grupo-ativistas da G.A.F. Esta constatação não significa que o grupo-família não possa agir sobre o exterior, nem que o grupo-ativistas não sofra o jogo das relações pessoais entre os seus membros. O importante é compreender que as suas razões de ser e os seus objetivos não são os mesmos.

Levando a análise ao extremo, mas com referência a experiências ou comportamentos observáveis, o grupo-família pode diluir-se até se tornar um lugar de encontro circunstancial para indivíduos “libertados”. Ao passo que o grupo-ativistas se pode transformar num micro-partido.

Quando Richard Gombin⁶ opõe a noção, e a prática, do grupo anarquista de antes da guerra (1939-45) à do indivíduo movimento “radical” dos anos 60, põe em evidência alguns caracteres específicos do primeiro (algo caricaturados): “Só o grupo era apercebido como estrutura de contestação – ou de revolta. Nas condições do capitalismo entre as duas guerras só a intervenção do grupo sobre a sociedade, sobre a realidade social, parecia ter alguma hipótese de êxito...A revolução era apercebida como um acontecimento situado num futuro vago, mas o grupo vivia em função desse hipotético acontecimento...Tanto pelos seus preconceitos e tradições como pelas suas relações privadas – atitude para com as mulheres, as crianças, a homossexualidade, a moral em geral. Havia, evidentemente, experiências isoladas de vida em grupo, de vida amorosa livre, etc. Mas eram casos marginais e não representativos”. Ao passo que “o revolucionário antiautoritário tem uma prática de contestação como indivíduo a todos os níveis da sua vida...Contestará a autoridade e as repreensões do patrão ou os apelos patrióticos dos chefes políticos, sindicais ou intelectuais. Na medida em que encontre indivíduos que pensem e atuem como ele (na escola, como parceiros sexuais, no trabalho, em férias) sentirá menos a necessidade do grupo”. Em conclusão: “Gerações de anarquistas tinham concebido a revolução como a ‘grande noite’, acontecimento único, apocalíptico, que faria surgir uma sociedade inteiramente nova. A revolução é agora entendida e assumida como uma série de atos de recusa, de ruptura e de indispensável criação. O acontecimento final que fará bascular a ordem

antiga chega mesmo a parecer secundário. Secundário porque o invólucro da sociedade opressora (o seu Estado, os seus princípios, as suas instituições) estalará naturalmente logo que o seu conteúdo haja sido transformado: a questão do poder no vértice será resolvida pela tomada de todos os poderes na base”. Não se trata mais da grande noite, mas duma era de manhãs triunfantes!

Deixemos de lado o facto de saber se pertencer a um grupo, nos anos 30, estava ligado a preconceitos, tradição e comportamentos morais burgueses; deve recordar-se que a insubmissão, a deserção, a ilegalidade, as práticas anticoncepcionais, as lutas nos locais de trabalho, os conflitos físicos contra estalinistas e facções da extrema direita, etc., faziam parte da vida militante quotidiana e não eram somente temas de discussões ociosas para as reuniões das manhãs de domingo. O que é significativo neste raciocínio é que hoje seria possível viver a contestação a título individual, e que a acumulação de recusas acabaria por tornar impotente o poder.

Temos mais uma vez uma espécie de teorização do comportamento. Um comportamento que é real, individualmente ou por grupos famílias. Mas que só o é em condições circunstanciais e limitadas: numa sociedade de relativa abundância, permissiva, isto é, em algumas regiões do mundo industrializado e pós-industrializado. Não é tanto o indivíduo ou o grupo família que lutam, se impõem e vencem a autoridade, mas a sociedade que deixa fazer e possui os meios de deixar fazer. (Num Estado como a França, onde a mobilização geral era

considerada a base da defesa nacional, desertar era um crime duramente castigado, mesmo em tempo de paz. Hoje, as novas condições dum conflito armado tornaram possível negociar um estatuto para os objetores de consciência. Isto não quer dizer que a luta dos insubmissos e dos objetores não seja útil nem difícil, quer dizer que a tática e a estratégia libertárias se não podem alhear do funcionamento prático da sociedade).

Ainda mais importante é certo deslizamento para uma a-sociedade; encontramos esta concepção e este comportamento em numerosos grupos famílias atuais. A ideia e a prática é que a sociedade hierarquizada e opressora não tem que ser combatida enquanto tal, mas deve ser, na medida do possível, ignorada, contornada e evitada. Chega-se assim muito facilmente a uma espécie de *carpe diem*, de “gozemos sem peias”, que não é certamente condenável em si, mas que não proporciona nenhuma resposta aos problemas da luta contra uma sociedade que, na Europa ocidental como na América do Norte, não presta atenção a esta forma de marginalização, subproduto da *affluent society*.

Só quando as recusas não são recuos ou evasões mas vontades apontadas a uma outra sociedade e negações lúcidas da sociedade presente é que o combate se torna claro. Esta noção obscurece-se até desaparecer quando as recaídas da abundância e o seu aproveitamento permitem confundir a luta contra uma sociedade firme, capaz de integrar os opositores e de se transformar sem nada dever às diatribes

revolucionárias, e uma marginalização desdenhosa, mas de pouco peso e inconcebível noutras regiões do mundo.

Outro exagero é o do grupo-ativistas, que imagina poder pesar no “curso da História”, graças à prática duma espécie de maquiavelismo dirigente. Para exemplificar: a curiosa mentalidade propagada em França pela Federação Comunista Libertária, ao longo dos anos 50, e que correspondia a uma vontade – e a uma prática – de manipulação da corrente libertária, por pequeno núcleo de militantes, mais cúmplices nas manobras do que unidos por idêntica lucidez.

Acha-se assim colocado o problema de saber se a afinidade não conduz ao esquecimento das razões de ser do grupo, do mesmo modo que – em contra partida – o trabalho de equipa conduz a um outro tipo de demissão.

A VIDA INTERNA

Deixemos as definições, clássicas ou recentes, e vejamos o que se passa comumente nos próprios grupos (os quais, em geral, se preocupam pouco com pressupostos teóricos).

O seu mais grave defeito é a propensão quase irresistível a transformar-se numa sociedade fechada, isto é, a esquecer rapidamente a razão de ser da sua existência, a saber a intervenção nas lutas sociais, o esforço de conhecimento da sociedade e da época para agir melhor, a propaganda. É verdade que é bastante raro ver nascer um grupo em função de objetivos precisos. O que é frequente é a formação dum

núcleo que “quer fazer qualquer coisa” e que se transforma pouco a pouco numa espécie de família onde fervilham os problemas das relações pessoais, ainda que mascaradas por controvérsias, ou as alianças, ideológicas ou táticas. Curiosamente manifesta-se um fenómeno burocrático (se se entende pelo termo burocracia ao primado dos interesses próprios do órgão funcional em detrimento do cumprimento dos serviços para que foi criado). O grupo acaba por viver sobre si mesmo, para si mesmo, embora respeitando certos rituais: participação em campanhas gerais, venda e difusão de publicações, assistência a congressos, mesmo que apenas na qualidade de observador.

É o grupo em si que se tornou essencial, e as disputas internas depressa se convertem no eixo das reuniões, como a doença se transforma em centro de interesse – de vida – para certos doentes. Notar também o ressurgimento das taras denunciadas na sociedade: dirigismo sob diferentes formas, gerontocracia, divisão entre os que falam e os que se mantêm calados.

Num número recente do jornal anarquista francês *Lanterne Noire*, um colaborador que parece ter uma longa experiência da vida dos grupos e de os observar com olho de práctico, assinala: “... grupo de afinidade não é uma opção face aos perigos da organização. A dominação, expulsa pela porta, regressa pela janela”. Contudo, mais adiante: “...Não é menos verdade que certas atividades de propaganda e de elaboração ideológica estão facilitadas no pequeno grupo de afinidade, sem contar com o facto

em si mesmo positivo que é a atividade em comum de pessoas que se reúnem em função dum projeto revolucionário e, simultaneamente, por razões de temperamento ou afeto". Trata-se duma constatação, que só exemplos concretos poderiam ilustrar, dum desejo, ou mesmo da tomada em consideração duma tradição que se sabe difícil de modificar? As observações direitas que se seguem são, com efeito, pouco entusiasmantes: "...A estrutura mesma do grupo de afinidade, como de qualquer grupo primário - tanto familiar como ideológico - desenvolve laços interpessoais com forte carga afetiva - em que o amor e o ódio jogam a sua habitual partida de esconde-esconde, e onde o conteúdo fantasmático (inconsciente, recalcado) se estrutura em dominação patriarcal"... A luta pelo poder no seio do grupo é discreta e geralmente inconsciente. A liderança surge centrado nas tarefas, e todas as rivalidades têm tendência a assumir uma forma ideológica. Mas a violência dos conflitos que eclodem e a frequência com que os grupos se dispersam evidenciam a matriz emocional em que assentou a sua constituição".

Isto, para o regime interior. Se se examina o comportamento do grupo relativamente ao mundo exterior, encontram-se outros fenômenos. O primeiro manifesta-se por uma dificuldade quase insuperável em alargar o grupo inicial, seja porque a despeito da vontade declarada de recrutar ou de proliferar, a vida da célula provoca rejeição, o temor dum ingresso perturbador da "intimidade", seja porque existe uma opção deliberada de não alargamento.

O outro fenômeno poderia ser qualificado de acordar doloroso. Produz-se quando os acontecimentos colocam o grupo perante a necessidade de entrar em contacto com a sociedade global, de ter simplesmente em conta as forças políticas ou sociais, vizinhas ou adversas. Ocorre então uma descoberta que rompe a unidade, a solidariedade, o conformismo interno e que abre o caminho a viragens – por vezes colectivas se a afinidade prima –, ou a adaptações que só de muito longe correspondem às normas libertárias. A luz do grupo e a do exterior não têm a mesma intensidade. E aquilo que se apelida de traição não é mais, a maior parte das vezes, que uma reentrada do militante no Século, um militante tão nu e cego como qualquer outro homem, e vítima de eleição para os aparelhos de propaganda exteriores, hábeis a fazer soar os grandes temas humanitários e a colocar as eternas armadilhas para tolos.

Mais, mesmo quando os acontecimentos põem a descoberto fortes correntes libertárias, nascidas das contradições duma sociedade asfixiante, os grupos raramente estão “na onda”. Vivem muito ensimesmados e não como partes atentas e prontas a intervir da sociedade. Foi assim em 68 e, sem dúvida, em 77. Em França e na Itália.

Abandonemos o vezo crítico e lamentatório.

À falta duma definição clara do que são em última análise os grupos de afinidade, é no entanto possível dizer que são e atuam consoante a vontade dos militantes que os constituem, verdade primeira que tende a ser esquecida nas polémicas baseadas em argumentos doutrinários. Salientar também que o seu valor em termos de anarquismo se mede segundo critérios morais e de eficácia, mesmo quando se coloca a tónica nas “afinidades”. No fim de contas, dos grupos anarquistas de Barcelona dos anos 30 tanto saíram lutadores à altura da sua lenda, como ministros e coronéis. A partir destes precedentes torna-se suspeita a solidariedade afetiva generalizadora. A afinidade pode triunfar das convicções.

É desejável iniciar um esforço para dissipar uma confusão que não serve a ninguém. É perfeitamente aceitável, e por vezes entusiasmante, ver formarem-se comunidades que procuram a golpes de experiências uma forma de vida colectiva o mais livre e emancipada que é possível. São aventuras libertárias de valor indiscutível. São formas de contra-sociedade no imediato, onde os factores de simpatia, de amizade e de

solidariedade são essenciais. Os seus membros não se excluem, por esse facto, doutras formas de organização visando outros fins, ainda que se lhes coloquem naturalmente problemas de prioridade nas escolhas e “deveres” que a vida comunitária implica.

Espera-se que não haja mescla ou confusão de gêneros no espírito dos participantes e que cada qual compreenda bem tanto o significado como os limites do seu modo de vida e dos seus esforços.

Do mesmo modo, se a preferência reflectida vai para o grupo ativista, é útil para todos saberem quais os fins imediatos da organização, eventualmente os seus fins a longo prazo. Tendo o cuidado de não confundir uma ação voluntária sobre e na sociedade, e a teorização dum reflexo ou duma subprodução desta mesma sociedade.

Uma sugestão que é válida para todos os comités, associações, colectivos e outros grupos de intenção. Isso permitirá comparar os fins aos resultados.

NOTAS

¹ – Enciclopédia Anarquista – termo afinidade.

² – Escuta Marxista!

³ – Documento programático dos Grupos Anarquistas Federados. Cap.XXII: Grupos e federações.

⁴ e ⁵ – idem. Capitulo XIX: A Revolução libenária.

⁶ – Sociedade e contra-sociedade – Comunidade de Trabalho CIRA.

Grupos de Afinidade

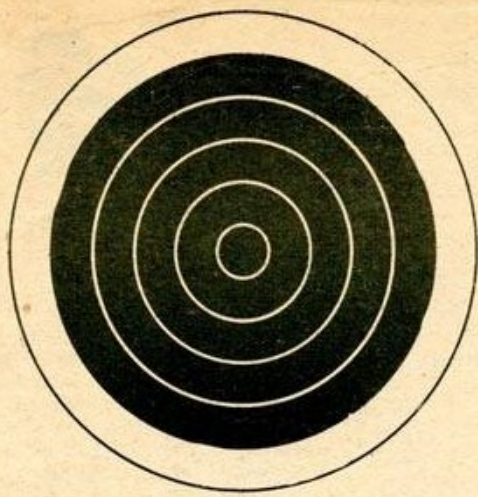
São Gangues

de Rua Com Análise

Relembrando UP AGAINST THE WALL, MOTHERFUCKERS! - Facção Fictícia

<https://faccaoficticia.noblogs.org/>





AFFINITY GROUPS

AFFINITY GROUP=A STREET GANG WITH AN ANALYSIS

"Ideas can create life-and-death situations,
but a man can really only fight and die for
himself and for the lives of his friends."

--Chief Joseph

“Vandalismo, Depredação e Análise”

Grupos de afinidades são grupos pequenos de pessoas que compartilham amizade, intimidade e confiança que se organizam para um fim. Na história do anarquismo, foram fundamentais para a sustentação de movimentos e revoluções inteiras, como na Federação Anarquista Ibérica durante a Revolução Espanhola, aponta o influente anarquista Murray Bookchin. Na Primeira Guerra Mundial, até mesmo o Exército Britânico optou por recrutar batalhões inteiros formados por amigos e vizinhos, os *Pals Battalions*, como forma de explorar a coesão fruto da afinidade e intimidade desses modelos, em oposição aos pelotões formados por desconhecidos. Na atualidade, redes grupos de afinidade organizam protestos antirracistas e radicalizam ações diretas, de apoio mútuo e assistência médica em conflitos no Brasil, nos Estados Unidos, no Chile e até revolução social em Rojava. O que demonstraria

uma capacidade de adaptação e resiliência dos grupos de pessoas que se conhecem e compartilham laços profundos para lidar com situações e ambientes hostis.

No coletivo Facção Fictícia, costumamos usar como slogan a frase *"Vandalismo, Depredação e Análise"*. Seu tom carrega uma ironia, mas também uma sutil referência a um contexto histórico maior e que gostaríamos de compartilhar. A expressão é uma adaptação da frase *"Uma Gangue de Rua com Análise"* (*A Street Gang with Analysis*), que era como se autodesiniam um dos coletivos artísticos, radicais e subversivos mais perigosos dos anos 60 nos Estados Unidos: os ***Up Against the Wall! Motherfuckers***. Seu nome em português seria algo como *"Mão na parede, filho da puta!"* – uma frase bastante comum de se ouvir se pixar ou grafitar muros sem autorização é uma de suas atividades preferidas. Compartilharemos abaixo um de seus folhetos sobre grupos de afinidade, mas antes, gostaríamos de oferecer algum contexto histórico e apontamentos teóricos sobre o tema.

Ⓐ

"Nós éramos da rua. Nossa profissão foi a revolução. Foi tudo o que fizemos. Não tínhamos emprego, não éramos estudantes, tudo que fizemos foi radical. Uma militância radical. Verdadeiramente permanente. De manhã à noite, todos os dias. Dávamos comida de graça às pessoas, tínhamos um apartamento (que

chamamos de “sala de jantar”) onde as pessoas podiam ficar sem pagar. Também tínhamos roupas disponíveis. Tudo o que fizemos foi de graça.”

– Ben Morea, em entrevista de 2018

Os *Mutherfuckers!*, como gostavam de se chamar, foram dos que levaram os grupos de afinidade aos limiares máximos da arte e da ação revolucionária. Sua história cruza com os movimentos sociais mais relevantes de sua época, como os Black Panthers, mas também com grandes nomes da música e da arte, como os Surrealistas, e autores de diversos pontos do espectro radical, de Murray Bookchin aos Situacionistas. Diz a lenda que veio deles a arma que a feminista Valerie Solanas, usou para dar o tiro que quase matou Andy Warhol e que foram eles os responsáveis por expulsar a banda MC5 em suas limousines de um show gratuito comunitário por “venderem a revolução”.

Formado em Nova York em meio às agitações políticas da década de 1960, o grupo se reuniu em torno da revista *Black Mask*. Mais tarde assumiriam o nome “não publicável” (“*unprintable name*”, segundo *New York Times*) *Up Against the Wall Motherfucker!*. ou simplesmente “*The Motherfuckers*” e, mais tarde, “*The Family*”. Autoproclamados herdeiros do dadaísmo e do surrealismo, sua primeira ação pública acabou por fechar o Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMa) em 1966 apenas divulgando que iriam até lá fazer uma intervenção, o que

levou o museu a trancar as portas por medo de que fizessem qualquer coisa. Já em 1968, MoMA recebeu a exposição *"Dada, Surrealism and Their Heritage"*, sendo criticada por seu foco na cultura pop e pouco em seu lado político. Dessa vez, os Motherfuckers se juntaram a outros grupos como Chicago Surrealists e marcharam em 300 pessoas rumo ao museu que estava cercado pela polícia e tropas de choque. Manifestantes soltaram galinhas e bombas fedorentas dentro do museu. Mais tarde, Salvador Dalí teria admitido: *"agora somos parte do establishment"*.

"Não somos artistas, nem anti-artistas. Somos homens criativos - revolucionários. Como homens criativos, nos dedicamos a construir uma nova sociedade... O falso conceito de arte não pode nos conter."

- Black Mask, nº3, janeiro de 1967

Sua prática ganguista desenvolvidas nas ruas, nos centros de detenção juvenil e em constante conflito com a polícia fez com que até mesmo os Situacionistas temessem a relação com o grupo. Os Situacionistas chegaram a criticar o "puro ativismo" e decidiu pela expulsão da revista Black Mask de seu círculo *"sem que seus membros sequer tenham concordado em entrar"*. Foram apresentados ao grupo francês pelo anarquista Bookchin, que mais tarde também romperia relações com o Debord e seu secto. Inspirados nos escritos dos Situacionistas sobre arte e sua crítica social radical, UATW/MF tomou a

ideia de “totalidade” para sua proposta de “*Revolução Total*”. No entanto, a ação radical nas ruas que buscava encarnar o ódio do lumpen proletariado como relatado no texto de Debord¹ sobre a revolta do bairro negro de Watts, em Los Angeles de 1965, cujo os Motherfuckers levavam as últimas consequências em suas práticas de vida parecia assustar os eruditos Situacionistas que, segundo alguém que foi próximo ao movimento, Jean-Pierre Voyer, “*exceto por Vienet, que era mecânico, não conseguiriam bater um prego*”.

Por outro lado, movimentos radicais com tradição em ações comunitárias e disposição para a autodefesa armada, como os Panteras Negras, tinham profunda simpatia pelos Mutherfuckers. Suas ações táctica e esteticamente se aproximavam dos Panthers. Segundo Gavin Grindon, “Morea foi a única pessoa branca a quem foi oferecido um título honorário filiação ao Partido dos Panteras Negras”. Grindon ressalta também que, inspirados por grupos como os *Diggers* de São Francisco e os próprios Panteras Negras, os UATW/MF “*patrulhavam os bairros seguindo e vigiando a polícia, às vezes armados com facas ou correntes de moto. Ocasionalmente, eles livravam pessoas (interrompendo uma prisão e resgatando o preso). Eles se autodenominavam ACID (Comitê de Ação para Defesa Imediata) ou ESSO (Organização de Serviços do Lado Leste). Eles também montaram lojas gratuitas, [...], programas de*

1 Texto “O declínio e a queda da sociedade mercantil. Link: <https://veneta.com.br/2020/06/01/o-declinio-e-a-queda-da-economia-espetacular-mercantil/>

alimentação gratuita, clínicas gratuitas ocasionais e serviços jurídicos, todos financiados principalmente por doações."

A última edição da revista Black Mask foi em 1968, marcando a mudança de nome do grupo para oficialmente *Up Against the Wall Motherfucker* – Uma gangue de rua com análise.

Dos debates com Murray Bookchin em décadas mais joviais e menos rabugentas de sua carreira, surgiu o termo "*Grupos de Afinidade*", hoje comum entre os grupos militantes radicais. Herbert Marcuse, que era tio de Tom "Osha" Neumann, membro dos Motherfuckers, deu uma palestra em Nova York e Ben Morea desafiou o intelectual e suas ideias sobre arte. Depois disso, alguns membros do grupo reuniram-se com Bookchin em seu apartamento e debateram junto do comunista Russel Blackwell sobre as milícias anarquistas na Revolução Espanhola de 1936, organizadas em grupos de *compañeros*. Na década seguinte, em 1971, protestos com dezenas de milhares de pessoas em Washington foram organizadas por uma constelação de grupos de afinidade coordenados. [GINDON, Gavin, Poetry Written in Gasoline, p. 23.]

"A comunidade precisa de espaço livre. Ele precisa sobreviver, ficar louco, respirar, expandir, amar, lutar, ligar. [...] Um evento Motherfucker tinha que incluir comida grátis, música, discursos espontâneos, chamada e resposta."

- Osha Newman, *Up Against the Wall Motherfker!: A Memoir of Anarchism in the '60s.***

Afinidades: a primeira unidade de ação revolucionária

A herança do encontro entre esses militantes anti-artistas, anarquistas, socialistas, antirracistas e revolucionários para a prática dos movimentos atuais é extremamente relevante. Movimentos grandes e revoluções inteiras foram construídas com grupos e coletivos que começaram pequenos, rompendo com a norma estabelecida, se organizando para encontrar aliados e enfrentar sistemas inteiros. Para atuar com o maior nível de segurança possível em momentos turbulentos onde é necessário agir fora dos mapas para romper o isolamento e encontrar seus pares, compartilhar cumplicidade, evitar grandes grupos ou exposição desnecessária. Essa é uma das vantagens dos grupos de afinidade. Nesse caso, nos referimos a grupos de amizade, cumplicidade e confiança, que compartilham pontos de vista comuns e interesse pelos mesmos objetivos e táticas, que desejam compartilhar tudo que é necessário para viver desde já a revolta que querem ver no mundo. Confiança, consenso, consentimento levado a um nível pessoal, face a face e não mediado. Esse tipo de grupo é uma forma de se organizar e tomar partido em grandes momentos de mobilização que rompem com os limites institucionais de movimentos sociais

tradicionais, ao mesmo tempo que empoderam e encorajam a participação daquelas que não teriam legitimidade para se organizar de acordo com a mitologia marxista e das organizações de massas.

Esses grupos, em geral, não estão isolados entre si, mas em informal sintonia e, eventualmente, se encontrando com outros grupos pelo espaço das cidades, seja se descobrindo e colaborando durante um ato ou ação, seja estabelecendo uma rede de comunicação informal e boca a boca. Laços que se estreitam quando mais precisam, se dispersam quando a poeira baixa e a fumaça se dissipa mas nunca são deixados de lado para atrofiar. E nossas ações devem buscar aumentar a potência enquanto corpos e fortalecer suas conexões. Para aumentar essas potências, precisamos promover bons encontros: *“a partir de agora, não aceitaremos nenhuma amizade que não seja política”*.



As intervenções de rua do UATW/MF em 1966 já prefiguravam a estética Black Bloc que surgiria 20 anos depois nos movimentos de ocupação na Alemanha para se espalhar por todo o globo.

Visibilidade e Opacidade

Algumas pessoas podem atuar apenas com suas organizações, comunas ou grupos de afinidade, outras também podem estar em contato ou atuando em grupos maiores e maior mobilização e visibilidade. Mas é importante que se tenha em mente quais conexões trazem mais visibilidade (e seus riscos) para pessoas e grupos que pretendem permanecer opacos, invisíveis para o olho do poder. Importante considerar também que, se para algumas pessoas a visibilidade significa um risco, para outras ela é uma forma de proteção, que significa que se forem perseguidas e presas, contarão com possíveis mobilizações em solidariedade, o que pode ser mais embaraçoso para o Estado continuar efetuando uma escalada de prisões. Por isso é sempre mais útil para ele prender quem não tem tanta visibilidade dentro dos movimentos ou mesmo na mídia e, se possível, que esteja ligada a posturas mais radicais. Portanto, estar próximo dessas pessoas com maior visibilidade pode significar que as atenções que seriam dadas a elas, caem sobre você e seu meio. Isso é particularmente perigoso quando essas pessoas com não dão a mínima para segurança e anonimato delas mesmas e daquelas relações com aquelas ao seu redor, ao mesmo que tempo que as convidam para somar com radicalidade em suas ações – como vimos nos principais grupos envolvidos na “luta contra o aumento” em junho de 2013 mas entre muitos outros episódios recentes da luta antifascista no Brasil contra o governo Bolsonaro.

Não quer dizer que grupos com disposição para ações mais radicais e criminosas e os grupos que atuam dentro da lei e com certa visibilidade não devam ter contato. Esse contato é estratégico para atingir a maioria dos nossos objetivos, no entanto deve ser feito com respeito às necessidades de segurança de cada parte. Além do mais, total anonimato e opacidade pode dificultar para o Estado nos encontrar, mas, ao mesmo tempo, pode nos isolar e dificultar que novas pessoas se encontrem se tornem companheiras passem a cooperar. A repressão se beneficia quando grupos radicais se isolam em cenas reduzidas e privadas pois isso impede a adesão e a formação de uma base social de apoio e dificulta a propagação da ação direta e da solidariedade. Nosso maior desafio não é nos encarregar de táticas militares ultrassecretas, mas difundir habilidades e práticas libertárias de resistência. Não há nada melhor que atividades participativas, que ofereçam portas de entrada para novas pessoas e oportunidades para grupos existentes se unirem. Da mesma forma, anarquistas precisam equilibrar as vantagens do segredo com a necessidade de fazer circular novos formatos e energias rebeldes.

A guerra entre as classes invade todos os campos da vida: goste ou não, nascemos nisso e decidimos a todo o tempo como lutar. A questão é agir estrategicamente de forma a não lutar só. Isso é particularmente complicado no atual contexto de vigilância e repressão. Deve-se atuar em um grau mínimo de clandestinidade para que se possa resistir de forma significativa. Mas se o aspecto mais importante da resistência são

as relações sociais que produzem a própria resistência, é um erro escolher formas de luta que criam bases e apoio social cada vez menores.

Se nossas bases sociais podem ficar menores à medida que os conflitos se intensificam, pode ser mais apropriado manter guerras mais brandas que não provoquem a fúria total do Estado ou então começar uma unidade de resistência popular mais ampla do que apenas um grupo de afinidade com sua galera. Isso não quer dizer deixar de lado os grupos de afinidade, mas entender que eles devem ser um meio para catalisar a ação popular, não um fim em si mesmo. O Estado vai, normalmente, preferir desacreditar e isolar grupos do que prendê-los ou matá-los. Perceber que essa é sua prioridade nos leva a defender nossas relações e conexões sociais como prioridade para nós. Podem nos espancar ou nos prender enquanto indivíduos, mas o importante é saber se manteremos vivos nossos valores e táticas.

Não estamos falando nenhuma novidade mas também não é um protocolo a ser seguido à risca. Estamos relatando uma forma de ser, estar e agir espontânea e ao mesmo tempo crítica. Uma forma de se encontrar, se afetar e de compartilhar cumplicidade, solidariedade e ódio contra o poder autoritário. Vimos essa forma emergir nas ruas do Brasil, no entanto é o tipo de células e redes que estiveram por trás de muitos dos maiores levantes da história recente, em diferentes países e continentes.



Capa da revista Black Mask em janeiro de 1968.

A seguir, uma tradução do panfleto sobre grupos de afinidade produzido e amplamente difundido pelos UATW/MF na década de 1960 e 70. Que sirva de inspiração para novas gerações que buscam uma profunda relação entre ética e estética, não como mera apresentação visual ou de estilo, mas como uma forma de intervir no mundo de forma radical. Se nossa arte não for revolucionária, então não é nossa revolução.

GRUPO DE AFINIDADE = UMA GANGUE DE RUA COM ANÁLISE

por Up Against the Wall! Motherfuckers

“As ideias podem criar situações de vida ou morte, mas um homem pode realmente apenas lutar e morrer por si e pela vida de seus amigos.”

- Chief Joseph

Na luta atual, formas de organização devem surgir sendo adequadas às condições modificadas que compõem a matéria real de nossos tempos. Devem ser formas suficientemente coeso para resistir à repressão; formas que podem crescer secretamente, aprendendo a se manifestar de infinitas de maneiras, para que seu modo de operação não seja cooptado pela oposição ou simplesmente seja esmagado. O grupo de afinidade é a semente/germe/essência da organização. Ela se reúne por Necessidade ou Desejo mútuos: grupos históricos coesos se unem das necessidades compartilhadas da luta pela sobrevivência, enquanto sonham com a possibilidade de amar. No período pré-revolucionário, os grupos de afinidade devem se reunir para projetar uma consciência revolucionária e desenvolver formas para lutas particulares. No próprio período revolucionário, eles emergirão como

quadros armados nos centros de conflito e, no período pós-revolucionário, sugerem formas para a nova vida cotidiana.

As manifestações de massa são bem-sucedidas de duas maneiras: trazem níveis predominantes de consciência às ruas e tornam visível a quantidade de alienação ativa em nossa sociedade... e às vezes transcendem as questões de "manifestação" para se tornarem ações de massa. Como manifestações de massa, elas não conseguem avançar a natureza e as formas de nossa luta - como ações de massa (contra a polícia ou contra a propriedade), começam a definir a direção e a realidade do que nossa luta deve se tornar. "Motins" ou rebeliões são as formas mais altas de ação em massa que vimos até agora.

Folheto original sobre Grupos de Afinidade, por UATW/MF

SELF-DEFENSE

The existence of the hippie/drop-out community represents both an alternative to the present system... and a means for its destruction. The hippie community poses a way of living rather than simply a way of surviving. On the one hand it rejects middle-class values, on the other hand it makes possible a fuller and more complete life. Out of that emerges a revolutionary culture.

This community is not a regional phenomenon... a New York hippie community, a San Francisco hippie community. There is one hippie community and it spreads and grows from one end of this country to the other.

Our need and desire for our own community and for the right to discover our own forms of living are in direct conflict with the basic nature of America today—we become targets for the enforcers of the brutal values and empty aspirations of this society. We are being attacked because we are an alternative/threat and in order to survive we are going to have to defend ourselves and our community by any means necessary.

We are engaged in a two-fold struggle -- the struggle to create a new way of living, and the struggle to defend ourselves against increasing repression. Already America has determined to prevent our communities from forming, and already we have had to fight back. In the struggle to create our own lives, self-defense transcends the personal act and becomes an involvement in the communal experience. AS WE FIGHT FOR OUR OWN LIVES WE ARE FIGHTING FOR THE POSSIBILITY OF LIFE...

Our community must be created and their creation must be defended. We must discover both the means of living together, and the means of defending these forms together. If we are attacked verbally, we defend ourselves culturally. If we are attacked violently with open hands, we respond violently with open hands. And if we are attacked with weapons, we defend ourselves with weapons.

The idea of self-defense or even violence is not contrary to the idea of love. Our community is not specifically a "love" community, it is a total community. In order to be total we accept all of the elements of living. We don't reject any one element. What we would seek, our ideal, is to create the kind of life that doesn't need violence, but at the same time we recognize that order to be full men no part of life can be rejected.

The hippie community is a full community, a culture, a way of life, a way of existing. It's not just a tactic or a "ism", or another form of pacifism. Many people in the hippie community are pacific and would not use violence. But there are others of the hippie community who know that we must defend those values that we pose as an alternative to America.

The dichotomy is always made between non-violence and violence and that's a false dichotomy. The real difference is between living and death. Some kinds of violence are living, and some kinds of violence are death. If our violence comes out of our desire to live and is only directed against those who would prevent us from living, then that is living-violence. If violence, like police and military violence, is directed against the lives of others, then that is death-violence. That's the real dichotomy: living and death, not non-violence and violence...our community represents living.

SELF-DEFENSE IS PREPARATION AGAINST ATTACK.
SELF-DEFENSE IS THE RESPONSE TO ANY ATTACK.
SELF-DEFENSE IS THE PREPARATION FOR AN ATTACK.



WE MUST DEFINE OURSELVES FOR OURSELVES IN THE LANGUAGE AND GESTURES OF OUR OWN DISCOVERIES
WE MUST LEARN TO RECOGNIZE EACH OTHER AND TO KNOW THAT ANYONE WHO IS NOT WITH US IS THE ENEMY
WE MUST LEARN TO FIGHT AS WELL AS SEEK TO LOVE
WE MUST TAKE UP THE GUN AS WELL AS THE JOINT
WE MUST DEFEND OUR COMMUNITY AND OUR OWN HUMANITY



'We're looking for people who like to draw'

up against the wall/MOTHERFUCKERS
341 EAST 10th St. LOWER EAST SIDE NEW YORK, N.Y.



AFFINITY GROUPS

AFFINITY GROUPS--A STREET GANG WITH AN ANALYSIS

"Ideas can create life-and-death situations, but a man can really only fight and die for himself and for the lives of his friends."

--Chief Joseph

In the present struggle forms of organization must come into being that are appropriate to the changed conditions that are the real content of our times. These must be forms that are tenacious enough to resist repression; forms which can grow secretly, learning to manifest themselves in a large variety of ways, but their mode of operation be controlled by the opposition, or they simply be smothered.

The affinity group is the seed/germ/essence of organization. It is coming together out of mutual need and desire; cohesive historical groups unite out of the shared necessities of the struggle for survival, while dreaming of the possibility of love. In the pre-revolutionary period affinity groups must assemble to project a revolutionary consciousness and to develop forms for particular struggles. In the revolutionary period itself they will emerge as armed cadres at the centers of conflict, and in the post-revolutionary period suggest forms for the new everyday life.

Mass demonstrations succeed in two ways: they bring predominant levels of consciousness into the streets and make visible the quantity of active alienation in our society...and they sometimes transcend the issues of "demonstration" to become actions. As mass demonstrations they fail to advance the nature and the forms of our struggle--as mass actions (whether against cops or against property) they begin to define the direction and the reality of what our struggle must become. "Riots" or rebellions are the highest forms of mass action that we have seen so far. These rebellions project the consciousness of a community in action as it (1) liberates goods and geographical areas, and (2) engages the occupying forces (FBI) in battle. This form, too, has advantages and limitations, and it is in response to both of these that people are discovering the tactical/theoretical possibilities of working together in small intimate groups. The prospects for the future are clear in at least one respect: the Man and his Pigs are learning "crowd control" and they are escalating their response to all masses of people who take it upon themselves to behave in violation of this society's "law and order." Our preparations for advancing the struggle must always take into account the abilities and tenaciousness of the enemy. Mass demonstrations and community rebellions will continue to serve particular needs in many situations...but in the general sense of ongoing struggle it is necessary that we begin to act in that manner which is most favorable to our needs and to our goals... THE SMALL GROUP ENGAGING "SMALL" ACTIONS IN CONCERT WITH OTHER SMALL GROUPS/ "SMALL" ACTIONS WILL CREATE A WIDESPREAD CLIMATE OF STRUGGLE WITHIN WHICH ALL FORMS OF REBELLION CAN COME TOGETHER AND RISE TO THE FINAL FORM: REVOLUTION...

Already we have seen the small group response -- Columbia Communes, Berkeley's Revolutionary Gangs, France's Committee of Action, and others so far known only by their actions (Cleveland). In the mainline to come these groups and the many others which will be forming face two kinds of absolute necessity as they seek to create the possibility of real community:

- (1) Internal development and security. Each group will continue to create its own sense of identity through the conscious synthesis of theory/practice, and each group will apply this identity to the existing reality in the most effective manner.
- (2) External relationships with similar groups. We must begin to set up those forms of communication and mutual awareness that can allow for greater mobility and greater response to non-local crises. This means that we will have to begin to create a network of affinity groups (both within existing communities and between those communities).

This network or "federation" must be characterized by a structural looseness which guarantees the identity and self-determination of each affinity group, as well as an organizational reality which allows maximum concerted actions directed toward total revolution.

The concept of the affinity group in no way denies the validity of mass actions; rather, this idea increases the revolutionary possibilities of those actions. The active minority is able, because it is theoretically more conscious and better prepared tactically, to light the first fuse and set the first breadtraps. But that's all. The others can follow or not follow...The active minority plays the role of a permanent fermenting agent, encouraging action without claiming to lead...in certain objective situations--with the help of the active minority--spontaneously finds its place in social movement. It is spontaneously which permits the thrust forward, and not the slogans or directives of leaders. The affinity group is the source of both spontaneity and new forms of struggle.

Essas rebeliões projetam a consciência de uma comunidade em ação, uma vez que (1) libera bens e áreas geográficas e (2) envolve as forças de ocupação (PORCOS) na batalha. Essa forma também possui vantagens e limitações; e é em resposta a ambas que as pessoas estão descobrindo as possibilidades tático-teóricas de trabalhar juntas em pequenos grupos íntimos. As perspectivas para o futuro são claras em pelo menos um aspecto: os Homens e seus Porcos estão aprendendo o “controle de multidão” e estão ampliando sua resposta a todas as massas de pessoas que se dispõem a se comportar violando as “leis e a ordem” dessa sociedade. Nossos preparativos para avançar na luta devem sempre levar em conta as habilidades e tendências do inimigo. Manifestações de massa e rebeliões nos bairros continuarão a atender necessidades específicas em muitas situações... Mas, no sentido geral de luta contínua, é necessário que comecemos a agir da maneira que for mais favorável aos nossos meios e objetivos – O PEQUENO GRUPO QUE EXECUTA AÇÕES “PEQUENAS” ORQUESTRA DO COM OUTROS GRUPOS PEQUENOS/AÇÕES “PEQUENAS” CRIARÃO UM CLIMA DE LUTAS GENERALIZADO EM QUE TODAS AS FORMAS DE REBELIÃO PODEM JUNTAR-SE E FORJAR A FORMA FINAL: REVOLUÇÃO...

Já vimos a resposta de pequenos grupos – as Comunas de Columbia, as Gangues Revolucionárias de Berkeley, os Comitês de Ação da França e outros até agora conhecidos apenas por suas ações (Cleveland). Nos próximos meses, esses grupos e muitos outros que se

formarão enfrentam dois tipos de extrema necessidade, à medida que procuram criar a possibilidade de uma comunidade real:

(1) Desenvolvimento interno e segurança. Cada grupo continuará a criar seu próprio senso de identidade através da síntese consciente da teoria/prática; e cada grupo aplicará essa identidade à realidade existente da maneira mais eficaz.

(2) Relações externas com grupos semelhantes. Devemos começar a estabelecer as formas de comunicação e conscientização mútua que podem permitir maior mobilidade e maior resposta a crises mais do que locais. Isso significa que teremos que começar a criar uma rede de grupos de afinidade (dentro das comunidades existentes e entre essas comunidades).

Essa rede ou “Federação” deve ser caracterizada por uma frouxidão estrutural que garanta a identidade e autodeterminação de cada grupo de afinidade, bem como uma realidade organizacional que permita o máximo de ações coordenadas direcionadas à revolução total.

O conceito de grupo de afinidade de forma alguma nega a validade das ações de massa; antes, essa ideia aumenta as possibilidades revolucionárias dessas ações. A minoria ativa é capaz, porque é teoricamente mais consciente e melhor preparada taticamente, para acender o primeiro pavio e fazer os primeiros avanços. Mas é tudo. Os outros podem seguir ou não seguir... A minoria ativa desempenha o papel de um agente agitador permanente, incentivando a ação sem pretender liderar ... Em certas situações objetivas – com a ajuda da

minoria ativa – a espontaneidade encontra seu lugar no movimento social. É a espontaneidade que permite o avanço e não os slogans ou diretrizes dos líderes. O grupo de afinidade é a fonte de espontaneidade e de novas formas de luta.

up against the wall/MOTHERFUCKERS

341 EAST 10th St. LOWER EAST SIDE NEW YORK, NY.

“Procuramos pessoas que gostam de desenhar”



**‘We’re looking for
people who like to draw’**

Afinidade, organização informal e projetos insurrecionais.

Trecho retirado do texto "Arquipélago - Afinidade, organização informal e projetos insurrecionais", publicado na edição número 2 (novembro de 2012) da revista belga Salto - Subversão & Anarquia, editada em Bruxelas. Traduzido por la libertaria.

Por que voltar às questões sobre afinidade e organização informal? Certamente, não porque nos faltam tentativas de explorar e aprofundar esses aspectos do anarquismo, não porque a discussão de ontem, assim como a de hoje, não seja de alguma forma inspirada por eles, e também não porque falta textos, é verdade, a maioria das vezes em outros idiomas, que abordam estas questões talvez de uma maneira mais dinâmica.

No entanto, sem dúvida, certos conceitos requerem um esforço analítico e crítico contínuo, se não querem perder seu significado ao serem usados e repetidos com demasiada frequência. Caso contrário, nossas ideias correm o risco de se tornar um lugar-comum, uma "evidência", um terreno fértil para o jogo idiota da competição de identidade, onde a reflexão crítica se torna impossível. Também acontece que a escolha da afinidade para alguns é rapidamente descartada como se fosse uma relação baseada em suas próprias ideias, uma relação que não permitiria um contato com a realidade, nem tampouco com camaradas. Enquanto outros a agitam como uma

bandeira, como uma espécie de lema, e como todos os lemas, geralmente é o verdadeiro significado, profundo e propulsor, que acaba sendo sua primeira vítima.

Nenhuma atividade humana é possível sem organização, pelo menos se entendemos a organização como 'a coordenação dos esforços mentais e físicos que são considerados necessários para alcançar um objetivo'.

Dessa definição, podemos deduzir um aspecto importante, que muitas vezes é esquecido: a organização é funcional, está voltada para a realização de algo, para a ação no sentido mais amplo da palavra. Aqueles que hoje insistem para que todos se organizem, na ausência de metas claras e enquanto esperam que, a partir do primeiro momento da organização, todo o resto se desenvolva automaticamente, assumem que a organização é um fim em si mesma. No melhor dos casos, talvez esperem que disso surja uma perspectiva, uma perspectiva que não conseguem imaginar por si mesmos ou que não conseguem desenhar, mas que só seria possível e tangível dentro de algum tipo de ambiente coletivo e organizado. Nada poderia ser menos verdadeiro.

Uma organização é frutífera quando se nutre, não de uma presença quantitativa banal, mas de indivíduos que a utilizam para

alcançar um objetivo comum. Dito de outra forma, não faz sentido acreditar que, ao nos organizarmos, as questões de como, o quê, onde e por que lutar serão resolvidas pela mera magia do coletivo. No melhor dos casos, ou no pior, dependendo do ponto de vista, talvez alguém consiga encontrar um carro para embarcar, um carro dirigido por outra pessoa, e se sinta confortável no desagradável papel de seguidor. Portanto, é apenas uma questão de tempo antes que alguém, desgostoso e insatisfeito, rompa com essa organização.

A organização está, portanto, subordinada ao que se quer fazer. Para os anarquistas, também precisamos adicionar os laços diretos que precisam existir entre o que se quer fazer, o ideal pelo qual se luta e a maneira de obtê-lo. Apesar dos atuais jogos de máscaras e palavras, nos meandros mais ou menos marxistas, os partidos ainda são considerados um meio adequado para lutar contra os partidos políticos. Ainda os vemos defendendo hoje a afirmação política das forças produtivas (em tempos em que a escala do desastre industrial está à vista de todos) como um caminho para acabar com as relações capitalistas. Alguns querem tomar medidas para tornar todas as outras medidas supérfluas. Os anarquistas não têm nada a ver com esse tipo de truque de magia, para eles os fins e os meios devem coincidir.

A autoridade não pode ser combatida com formas autoritárias de organização. Aqueles que passam o tempo desfiando os detalhes da metafísica e encontram nessa afirmação argumentos contra o uso da

violência, uma desculpa ou uma capitulação dos anarquistas, demonstram acima de tudo seu profundo desejo por ordem e harmonia. Toda relação humana é conflituosa, o que não significa que seja autoritária. Falar sobre essas questões em termos absolutos é certamente difícil, o que não elimina o fato de que a tensão em direção à coerência é uma necessidade vital.

Se hoje pensamos que a afinidade e os grupos de afinidade são a forma mais adequada para a luta e a intervenção anarquista na conflituosidade social, é porque essa consideração está intimamente ligada a como concebemos essa luta e essa intervenção. De fato, existem dois caminhos para enfrentar a questão, caminhos que não são diametralmente opostos, mas que também não coincidem totalmente. Por um lado, existe a necessidade inegociável de coerência. Daí surge a questão da adequação de certas formas de organização anarquista (tomando, por exemplo, as organizações de síntese com programas, algumas declarações de princípios e alguns congressos como federações anarquistas ou estruturas anarcossindicalistas) que respondem à nossa ideia de anarquismo. Por outro lado, está a questão da adequação de certas estruturas organizacionais.

Esta adequação levanta mais a questão com base nas condições históricas, nos objetivos que se quer alcançar (e, portanto, na forma organizativa que se considera mais apta para isso), na análise da situação social e econômica... Gostaríamos que as grandes federações,

também em outras épocas, tivessem pequenos grupos que se movem com autonomia e agilidade, mas no nível de adequação à situação, com grande dificuldade se pode excluir a priori que, em determinadas condições, a escolha de uma organização anarquista de luta, específica e federada, de uma constelação guerrilheira... pode (ou melhor, poderia) responder a certas necessidades.

Acreditamos que contribuir para as rupturas insurrecionais e desenvolvê-las é hoje a intervenção anarquista mais adequada para lutar contra a dominação.

Por rupturas insurrecionais nos referimos a rupturas intencionais, embora temporárias, no tempo e no espaço da dominação; portanto, uma ruptura necessariamente violenta. Embora tais rupturas também tenham um aspecto quantitativo (já que são fenômenos sociais que não podem ser reduzidos à ação aleatória de um punhado de revolucionários), estas se direcionam à qualidade do confronto. Apontar contra estruturas e relações de poder, romper com o seu tempo e espaço e permite, através das experiências feitas e dos métodos utilizados para autoorganização e da ação direta, questionar e atacar mais aspectos do domínio. Em resumo, as rupturas insurrecionais nos parecem necessárias no caminho para a transformação revolucionária do existente.

Tudo isso leva logicamente à questão de como os anarquistas podem se organizar para contribuir para tal ruptura. Sem renunciar à sempre importante disseminação das ideias anarquistas, acreditamos que, hoje, não se trata de reunir a todo custo o maior número possível de pessoas em torno do anarquismo.

Em outras palavras, não acreditamos que o que é necessário são organizações anarquistas fortes com um amplo espectro capaz de atrair os explorados e excluídos, como um prelúdio quantitativo para estas organizações que, por sua vez, darão (quando chegar a hora) o sinal para uma insurreição. Além disso, consideramos impensável, nos dias de hoje, que as rupturas insurrecionais possam partir de organizações que defendem o interesse de um grupo social particular, começando, por exemplo, de uma forma mais ou menos anarcossindicalista. A integração de tais organizações na gestão democrática, de fato, se encaixa perfeitamente na economia capitalista contemporânea; é essa integração que tornou impossível a transição potencial de uma posição defensiva para uma posição ofensiva.

Por fim, parece-nos impossível que hoje uma "conspiração" forte possa, através de diferentes operações cirúrgicas, fazer tremer a dominação e arrastar os explorados na aventura insurrecional; além das objeções que podem ser feitas contra essa forma de ver as coisas. Em contextos históricos onde o poder estava muito centralizado, como na Rússia czarista, ainda era possível imaginar de alguma forma a hipótese

de um ataque direto contra o coração (neste caso, o assassinato do czar) como prelúdio de uma revolta generalizada. Em um contexto de poder descentralizado como o que conhecemos, a questão já não pode ser atacar o coração, com a hipótese de um cenário onde um golpe bem direcionado poderia fazer tremer a dominação em suas bases (o que obviamente não retira de modo algum a validade de um tiro bem direcionado). Portanto, outros caminhos devem ser explorados.

AFINIDADE E GRUPOS DE AFINIDADE

Existem muitas desvantagens em relação à afinidade. De fato, é muito mais fácil e muito menos exigente se inscrever em algo, seja em uma organização ou em uma assembleia permanente, e assumir e reproduzir características formais, em vez de empreender uma longa e incessante busca por companheiros com quem compartilhar ideias, análises e projetos eventuais. Porque a afinidade é exatamente isso: um conhecimento recíproco entre companheiros, uma análise compartilhada que leva a perspectivas de ação. A afinidade se direciona, por um lado, para aprofundamento teórico e, por outro, para a intervenção na conflituosidade social.

A afinidade se coloca radicalmente no plano qualitativo. Almeja compartilhar ideias e métodos, e não tem como meta um crescimento infinito. Para alguns companheiros, uma das principais preocupações, embora bem escondida, parece continuar sendo o número. Quantos somos? O que devemos fazer para ser mais? A partir da polarização

dessa questão e da constatação de que hoje não somos muitos, dada pelo fato de que muitos outros não compartilham nossas ideias (nem mesmo inconscientemente), deriva a conclusão de que deveríamos crescer numericamente, evitando enfatizar certas ideias.

Hoje em dia é raro encontrar pessoas que tentariam vender a você uma carteira de filiação a alguma organização revolucionária que tenha como objetivo crescer quantitativamente e aspirar a representar o maior número de explorados; no entanto, são muitos os que pensam que essa é a melhor maneira de dar a conhecer aos outros o que consiste a organização "consensual" em atividades como bares autogestionados, oficinas, shows, etc.

Certamente, estas atividades têm o seu papel, mas quando abordamos o tema da afinidade estamos falando de algo mais. A afinidade não é o mesmo que amizade. Claro que as duas não se excluem mutuamente, mas não porque compartilhamos determinadas análises significa que vamos dormir juntos ou vice-versa. Da mesma forma, não só porque ouvimos a mesma música significa que queremos lutar juntos contra a dominação.

A busca pela afinidade ocorre em um nível interpessoal. Não é um fato coletivo, uma questão de grupo, onde sempre é mais fácil seguir os outros do que pensar por si mesmo. O aprofundamento da afinidade é evidentemente uma questão de pensamento e ação; no entanto, no final, a afinidade não é o resultado de realizar uma ação em conjunto,

mas é um ponto de partida para a ação. Tudo bem, é óbvio o que alguns diriam, mas então isso não significa que não se conheceriam pessoas que poderiam ser bons companheiros porque, de alguma forma, gostaria de limitar-me à afinidade.

É verdade que a busca e o aprofundamento da afinidade requerem uma grande quantidade de tempo e energia e, portanto, não é possível generalizar para todos os companheiros. O movimento anarquista de um país, de uma cidade, ou mesmo de um bairro, não pode se tornar um grande grupo de afinidade.

Não se trata de ampliar os diferentes grupos de afinidade com mais companheiros, mas sim de possibilitar a multiplicação de grupos de afinidade autônomos.

A busca, a elaboração e o aprofundamento da afinidade levam a pequenos grupos de companheiros que se conhecem, que compartilham análises e passam juntos à ação.

Existe a palavra... O aspecto "grupo" de um grupo de afinidade tem sido regularmente criticado, tanto de maneira incorreta quanto correta. Frequentemente existem companheiros que compartilham a noção de afinidade, mas se torna muito mais complicado quando começamos a falar de "grupos" que por um lado vão além de um aspecto interpessoal,

enquanto por outro lado parecem limitar o "crescimento". As objeções na maior parte do tempo consistem em destacar os mecanismos perniciosos de "dentro/fora" que tais grupos de afinidade podem gerar (como, por exemplo, o fato de renunciar ao próprio caminho a seguir, o estagnação e os mecanismos que possam emergir como certas formas de competição, hierarquia, sentimentos de superioridade ou inferioridade, medo...). Mas estes são problemas que surgem em qualquer tipo de organização e não estão exclusivamente vinculados à afinidade. Trata-se de refletir sobre como evitar que a busca pela afinidade leve a uma estagnação e a uma paralisia mais do que a uma expansão, uma propagação e uma multiplicação.

Um grupo de afinidade não é o mesmo que uma "célula" de um partido ou uma parte de uma guerrilha urbana. Como sua busca é permanente, a afinidade evolui permanentemente. Pode "aumentar" até o ponto em que um projeto compartilhado seja possível, mas por outro lado, também pode "diminuir" até que seja impossível fazer algo juntos. O arquipélago de grupos de afinidade muda constantemente. Esta mudança constante muitas vezes é apontada por seus críticos: não se pode construir nada a partir disso, porque não é estável. Estamos convencidos do contrário: não há nada a construir em torno das formas organizativas que giram em torno de si mesmas, longe dos indivíduos que fazem parte dela. Porque mais cedo ou mais tarde, aos primeiros golpes, desculpas e algum truque de qualquer maneira virão à tona. O

único terreno fértil sobre o qual construir é a busca recíproca pela afinidade.

Finalmente, gostaríamos de destacar que esta forma de organização tem a vantagem adicional de ser particularmente resistente às medidas repressivas do estado, já que não tem bastiões representativos, estruturas ou nomes para defender. Enquanto as formações cristalizadas e as grandes organizações podem ser praticamente desmanteladas de uma só vez, pelo simples fato de serem bastante estáticas, os grupos de afinidade permanecem ágeis e dinâmicos mesmo quando a repressão ocorre. Como os grupos de afinidade se baseiam no conhecimento recíproco e na confiança, os riscos de infiltração, manipulação e intromissão são muito mais limitados do que em grandes estruturas organizacionais às quais as pessoas podem se juntar formalmente ou em relações vagas onde basta reproduzir um certo comportamento para se juntar ao clube. A afinidade é uma base bastante difícil de corromper, exatamente porque parte das ideias e estas também evoluem.

***GRUPOS DE
AFINIDADE
A UNIDADE
FUNDAMENTAL DA
ORGANIZAÇÃO
ANARQUISTA
crimethinc.***

pt.crimethinc.com

Esse guia é adaptado de uma versão anterior que apareceu no nosso ***Receitas para o Desastre: Um Livro de Receitas Anarquista.***

Vivemos uma época turbulenta. Manifestações e contra manifestações, bloqueios, revoltas e confrontos explodem com frequência. Além disso, ações diretas solidárias e de apoio mútuo são cada vez mais presentes para manter pessoas e comunidades com vida e saúde em meio a crises sanitárias e econômicas que o capitalismo apresenta. Já passou da hora de nos organizarmos para os levantes que estão a caminho.

Mas organizar-se não significa ingressar em uma instituição preexistente e receber ordens. Não deve significar perder sua capacidade de agir e inteligência para, ao final, se tornar apenas uma engrenagem em uma máquina. De uma perspectiva anarquista, a estrutura organizacional deve elevar ao máximo tanto a liberdade quanto a coordenação voluntária em todos os níveis e escalas, desde o menor grupo até a sociedade como um todo.

Você e suas amigades já constituem um grupo de afinidade, o tijolo fundamental desse modelo. Um grupo de afinidade é um círculo de pessoas amigas que se entendem como uma força política autônoma. A ideia é que as pessoas que já conheçam e confiem umas nas outras devam trabalhar juntas para responder de forma imediata, inteligente e flexível às situações que surgem diante delas.

Este formato sem liderança provou ser eficaz para atividades de guerrilha de todos os tipos, assim como o que a RAND Corporation chama de tática de “enxame”, na qual muitos grupos autônomos imprevisíveis sobrecarregam um adversário centralizado. É bom que você vá a todas as manifestações estando em um grupo de afinidade, com um senso compartilhado dos seus objetivos e capacidades. Se você estiver em um grupo que tenha experiência em agir em conjunto, estará muito melhor preparada para lidar com emergências e aproveitar ao máximo as oportunidades inesperadas.

Grupos de Afinidade são Poderosos

Levando em conta o seu pequeno tamanho, os grupos de afinidade podem alcançar um impacto desproporcionalmente poderoso. Em contraste com as estruturas hierárquicas tradicionais, eles são livres para se adaptar a qualquer situação, não precisam passar suas decisões através de um complicado processo de ratificação e todas as participantes podem agir e reagir instantaneamente sem esperar por ordens — ainda mantendo uma ideia clara do que esperar uma da outra. A admiração e a inspiração mútua em que são fundados torna muito difícil desmoralizá-los. Em forte contraste com as estruturas capitalistas, fascistas e socialistas autoritárias, eles funcionam sem necessidade de

hierarquia ou coerção. Participar de um grupo de afinidade pode ser gratificante e divertido, além de eficaz.

Acima de tudo, os grupos de afinidade são motivados por desejo compartilhado e lealdade e não pelo lucro, pelo dever ou por qualquer outra compensação ou abstração. Não é surpreendente que tropas inteiras de policiais de choque tenham sido repelidos por grupos de afinidade armados apenas com pedras e as próprias bombas de gás lacrimogênio atiradas contra eles.

O Grupo de Afinidade é um Modelo Flexível

Alguns grupos de afinidade são formais e imersivos: os participantes vivem juntos, compartilhando tudo em comum. Mas um grupo de afinidade não precisa ser um arranjo permanente. Pode servir como uma estrutura de conveniência, reunida a partir do agrupamento de pessoas confiáveis e com interesses em comum durante um determinado projeto.

Uma equipe específica pode agir em conjunto repetidamente como um grupo de afinidade, mas os membros também podem se dividir em grupos de afinidade menores, participar de outros grupos de afinidade ou agir fora da estrutura do grupo de afinidade. A liberdade de se associar e organizar como cada pessoa considera adequada é um princípio anarquista fundamental; isso promove a abundância, de modo que nenhuma pessoa ou grupo único é essencial para o funcionamento

do todo, e diferentes grupos podem se reconfigurar conforme necessário.



O grupo de afinidade é um modelo flexível.

Escolham a Escala Certa Para Vocês

Um grupo de afinidade pode variar de dois a talvez até quinze indivíduos, dependendo dos seus objetivos. No entanto, nenhum grupo deve ser tão numeroso que uma conversa informal sobre questões urgentes seja impossível. Vocês sempre podem se dividir em dois ou mais grupos, se necessário. Em ações que exigem dirigir, por exemplo, o sistema mais fácil é geralmente ter um grupo de afinidade para cada veículo.

Conhecer Uma a Outra Intimamente

Aprenda os pontos fortes, as vulnerabilidades e o histórico de cada pessoa, para que vocês saibam com o que podem contar entre si. Discutam suas análises de cada situação em que vocês estão entrando e o que vale a pena realizar nela — identifique onde elas se encaixam,

onde são complementares e onde elas diferem, para que vocês estejam prontas para tomar decisões em frações de segundo.

Uma maneira de desenvolver a intimidade política é ler e discutir textos juntas, mas nada supera a experiência “de campo”. Comecem devagar para não sobrecarregar. Uma vez que vocês tenham estabelecido uma linguagem comum e dinâmicas internas saudáveis, vocês estão prontas para identificar os objetivos que desejam alcançar, preparar um plano e *entrar em ação*.

Decida Níveis de Segurança

Adequados do Seu Grupo

Grupos de afinidade são resistentes à infiltração porque todos os membros compartilham história e intimidade umas com as outras e ninguém fora do grupo precisa ser informada sobre seus planos ou atividades.

Uma vez montado, um grupo de afinidade deve estabelecer um conjunto compartilhado de **práticas de segurança** e cumpri-las. Em alguns casos, o grupo pode se dar ao luxo de ser público e transparente sobre suas atividades. Em outros casos, o que acontece dentro do grupo nunca deve ser mencionado fora dele, mesmo depois de todas as suas atividades serem concluídas há muito tempo. Em alguns casos, ninguém, exceto as participantes do grupo, devem saber que ele existe. Você e

suas companheiras podem discutir e se preparar para ações sem revelar para gente de fora que vocês constituem um grupo de afinidade.

Lembrem-se: *é mais fácil passar de um protocolo de alta segurança para um de baixa do que vice-versa.*

Tomem Decisões em Conjunto

Grupos de afinidade geralmente operam por meio de tomada de decisão por consenso: as decisões são tomadas coletivamente de acordo com as necessidades e desejos de cada indivíduo envolvido. O voto democrático, no qual a maioria consegue o que quer e a minoria precisa se calar, é uma aberração para os grupos de afinidade — pois se um grupo deve funcionar tranquilamente e permanecer unido sob estresse, todo indivíduo envolvido deve estar satisfeito. Antes de qualquer ação, os membros de um grupo devem estabelecer juntas quais são seus objetivos pessoais e coletivos, que riscos elas estão confortáveis em aceitar e quais são suas expectativas uma em relação a outra. Estes pontos definidos, elas podem formular um plano.

Como as situações de ação são sempre imprevisíveis e os planos raramente saem como previsto, pode ser uma ajuda empregar uma abordagem dupla na preparação. Por um lado, vocês podem fazer planos para diferentes cenários: *Se A ocorrer, informaremos umas às outras por meio de X e mudaremos para o plano B; Se X meios de comunicação forem impossíveis, nós nos reuniremos novamente no local Z às Q horas.*

Por outro lado, vocês podem criar estruturas que serão úteis mesmo que o que aconteça seja diferente de qualquer um dos cenários que vocês imaginaram. Isso pode significar preparar recursos (como cartazes/bandeiras, suprimentos médicos ou equipamentos ofensivos), dividir papéis internos (por exemplo, reconhecimento, comunicações, médica, contato com a mídia), estabelecer sistemas de comunicação (como telefones descartáveis ou frases codificadas que possam ser gritadas para transmitir informações com segurança), preparar estratégias gerais (para manter umas das outras à vista em ambientes confusos, por exemplo), traçar rotas de fuga de emergência, ou preparar apoio legal no caso de alguém ser presa.

Depois de uma ação, um grupo de afinidade astuto se reunirá (se necessário, em um local seguro, sem celulares e outros equipamentos eletrônicos) para discutir o que deu certo, o que poderia ter sido melhor e o que vem a seguir.



É mais seguro agir em ambientes caóticos de protestos em um grupo de afinidade unido.

Tato e Táticas

Um grupo de afinidade responde somente a si mesmo — esse é um dos seus pontos fortes. Os grupos de afinidade não são necessariamente sobrecarregados pelo protocolo processual de outras organizações, pelas dificuldades de chegar a um acordo com estranhos ou pelas limitações de responder a um órgão que não esteja imediatamente envolvido na ação.

Ao mesmo tempo, assim como as membros de um grupo de afinidade buscam consenso umas com as outras, cada grupo de afinidade deve se empenhar por uma relação igualmente atenciosa com outros indivíduos e grupos — ou pelo menos para complementar as abordagens dos outros, mesmo que esses não reconheçam o valor dessa contribuição. Idealmente, a maioria das pessoas deveria ficar contente com a participação ou a intervenção do seu grupo de afinidade em uma situação, em vez de se ressentir ou temer vocês. Elas deveriam

vir a reconhecer o valor do modelo de grupo de afinidade e, assim, empregá-lo por si mesmas, depois de vê-lo sendo bem-sucedido e se beneficiando desse sucesso.

Organizem-se com Outros Grupos de Afinidade

Um grupo de afinidade pode trabalhar em conjunto com outros grupos de afinidade no que às vezes é chamado de agrupamento ou coordenação. A formação de agrupamentos permite que um número maior de indivíduos aja com as mesmas vantagens que um único grupo de afinidade possui. Se houver necessidade de rapidez ou segurança, os representantes de cada grupo poderão se reunir com antecedência, em vez da totalidade de todos os grupos; se a coordenação é essencial, os grupos ou representantes podem organizar métodos de comunicação durante o calor da ação. Ao longo de anos de colaboração juntos, diferentes grupos de afinidade podem vir a se conhecer tão bem quanto conhecem a si mesmos, tornando-se assim mais confortáveis e capazes juntos.

Quando várias coordenações de grupos de afinidade precisam coordenar ações especialmente massivas — antes de uma grande manifestação, por exemplo — eles podem realizar um conselho no qual diferentes agrupamentos e grupos de afinidades podem informar uns aos outros (até onde isso for inteligente) sobre suas intenções. Os conselhos raramente produzem unanimidade perfeita, mas podem

informar as participantes dos vários desejos e perspectivas que estão em jogo. A independência e a espontaneidade que a descentralização proporciona costumam ser nossas maiores vantagens no combate contra um adversário mais bem equipado.

Assumindo Compromisso

Para que grupos de afinidade e estruturas maiores baseadas em consenso e cooperação funcionem, é essencial que todos os envolvidos possam confiar uns nos outros para assumir compromissos. Quando um plano é acordado, cada indivíduo em um grupo e cada grupo em uma coordenação deve escolher um ou mais aspectos cruciais da preparação e execução do plano e oferecer-se para realizá-los.

Se comprometer com o fornecimento de um recurso ou a conclusão de um projeto significa garantir que ele será realizado de alguma forma, não importa o que aconteça. Se você está operando um canal de apoio jurídico para o seu grupo durante uma manifestação, você deve isso a todos do grupo, mesmo se você ficar doente; se o seu grupo prometer fornecer as faixas para uma ação, verifique se elas estão prontas, mesmo que isso signifique ficar acordado a noite toda na véspera porque o restante do seu grupo de afinidade não pôde aparecer. Com o tempo, você aprenderá como lidar com as crises e com quem pode contar nelas, assim como os outros aprenderão quanto podem contar com você.

Partindo Para a Ação

Pare de pensar no que vai acontecer ou porque nada está acontecendo. Reúna-se com seus amigos e comece a decidir *o que vai acontecer*. Não passe a vida no papel de espectador passivo, esperando para ser informado sobre o que fazer. Adquira o hábito de discutir o que você quer que aconteça — e tornar essas ideias realidade.

Sem uma estrutura que incentive as ideias a fluir para a ação, sem camaradas com os quais se possa debater e atravessar as barreiras e criar impulso, é provável que você fique paralisada, desconectada de grande parte do seu próprio potencial; com eles, o seu potencial pode ser multiplicado por dez ou cem mil. “Nunca duvide que um pequeno grupo de pessoas pensantes e comprometidas possa mudar o mundo”, Margaret Mead escreveu: “é a única coisa que já existiu”. Ela estava se referindo, quer ela soubesse ou não, a grupos de afinidade. Se cada indivíduo em cada ação contra o Estado e status quo participasse como parte de um grupo de afinidade dedicado, a revolução seria realizada em poucos anos.

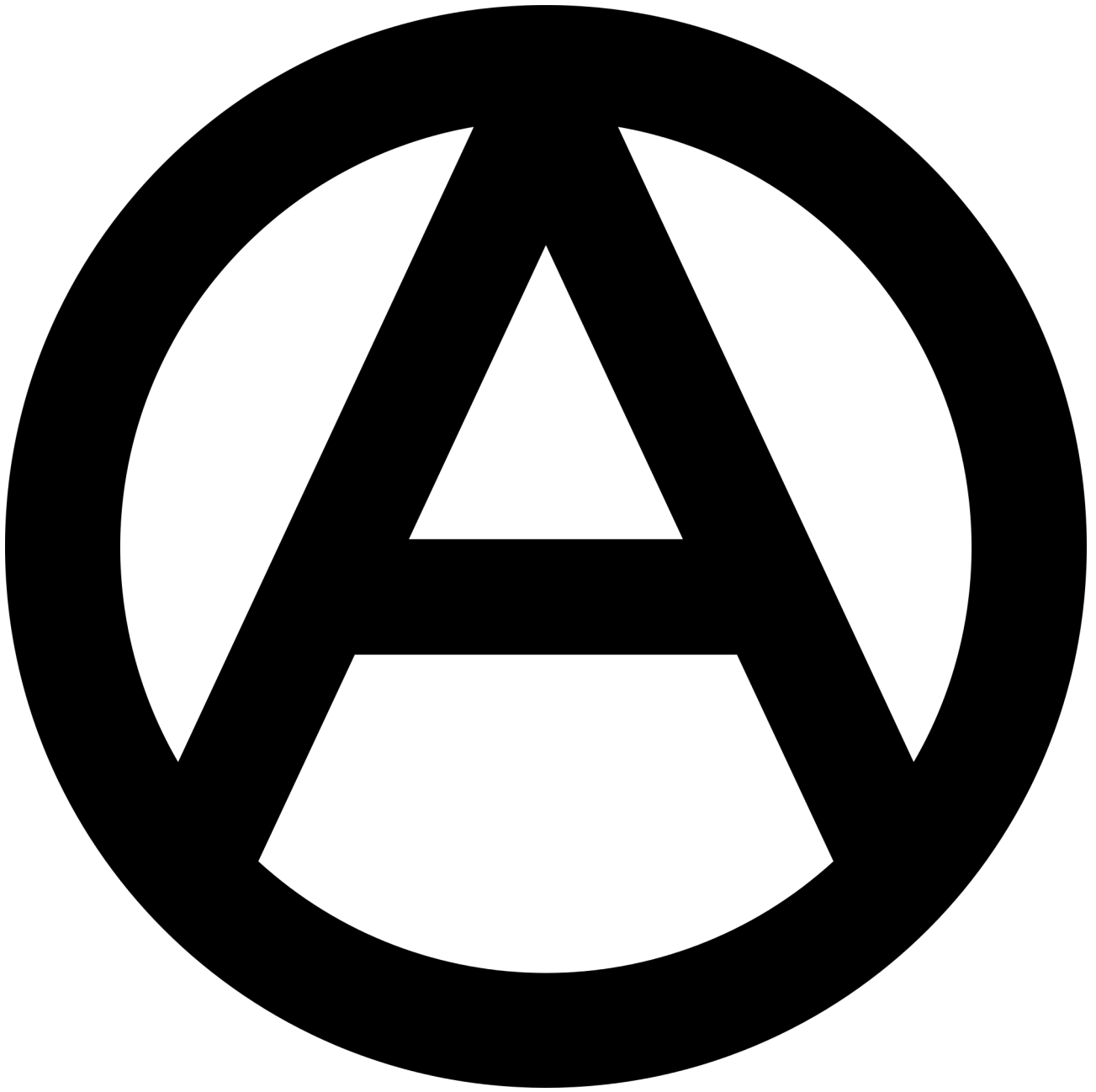
Um grupo de afinidade pode ser um grupo de costura ou um coletivo de manutenção de bicicletas; poderia se reunir com o propósito de fornecer uma refeição em uma ocupação ou forçar uma corporação multinacional a sair do mercado por meio de um programa de sabotagem cuidadosamente orquestrado.

Grupos de afinidade plantaram e defenderam hortas comunitárias, construíram e ocuparam e incendiaram prédios, organizaram programas de creches nos bairros e greves selvagens; grupos de afinidade individuais iniciam rotineiramente revoluções nas artes visuais e na música popular. Sua banda favorita era um grupo de afinidade. Um grupo de afinidade inventou o avião. Um outro grupo de afinidade mantém o site e faz a publicação onde você está lendo esse texto.



TODO PODER AOS GRUPOS DE AFINIDADE







Leia, copie e difunda como quiser o material, seja livre. Essa zine foi editada por la libertaria, um grupo dedicado ao apoio as lutas locais e globais e ao estudo, difusão e investigação da anarquia e do pensamento anarquista.

Blog: grupolalibertaria.org

Contato: lalibertaria@riseup.net

***Que cinco pessoas se encontrem
determinadas para o a ação e não para
a agonia da sobrevivência — a partir
desse momento, termina o desespero e
começa a tática.***

-Crimethinc.

